

Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1970)

Sem outros subsídios a não serem os da Empresa das Águas de Carvalhelhos, que, não só continuou, como nos anos anteriores, a ceder por empréstimo ferramentas, tais como pás, picaretas, carrinhos de mão e ciranda, mas também, e generosamente, pagou ao pessoal jornaleiro nos dez ou doze dias que ali se trabalhou durante o mês de Agosto, fiz mais uma campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos.

No prosseguimento da valorização daquele pequenino Castro, que fica sobranceiro à estância daquelas justamente afamadas águas, procedeu-se a trabalhos de limpeza no recinto cimeiro muralhado e na vertente leste, onde o tempo, que virou de chuva, não permitiu que se procedesse à escavação da terra que enche a grande casa rectangular, ali descoberta e isolada em escavação anterior.

Ao proceder à limpeza do monte, que todos os anos cresce viçoso, descobriu-se um grupo de pedras fincadas na cumieira que separava o extremo norte de dois fossos, que, na vertente a pender para o ribeiro, correm paralelos ao alinhamento da muralha do lado noroeste.

Este achado veio reforçar a convicção de que, além da faixa de 8 a 10 metros de largura bordejando o fosso exterior, as cristas das cumieiras de separação dos vários fossos, deviam apresentar, em toda a sua extensão, um ouriçado de pedras fincadas.

Deu-se começo à escavação dum pequeno troço do terceiro fosso.

Pela natureza do material com que o fosso foi atulhado confirma-se a opinião, já colhida na escavação do primeiro fosso que corre junto à muralha, de que as excelentes condições de defesa daquele castrinho foram acintosamente neutralizadas, certamente por determinação dos romanos vencedores.

Ao terminar esta pequenina nota não posso deixar de lamentar que o Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», tendo verba



Fig. 1 — Após os serviços de limpeza realçam três casas, duas circulares e uma rectangular de cantos arredondados. No segundo plano, à esquerda, vê-se a porta de entrada no recinto muralhado.

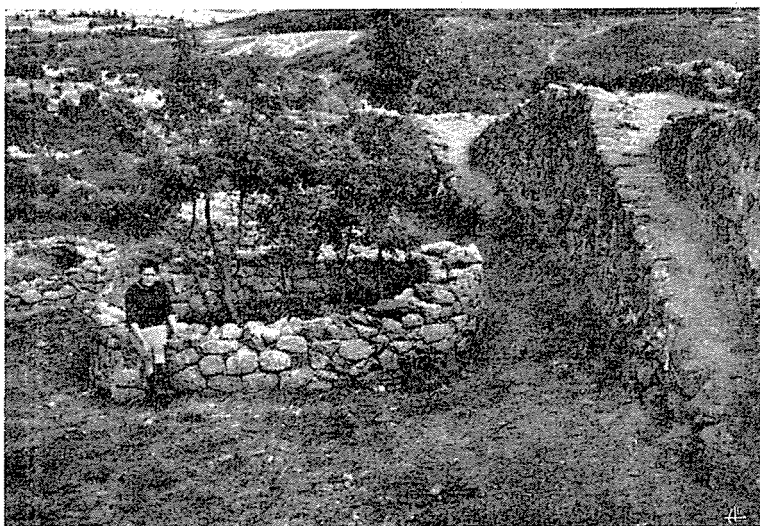


Fig. 2 — Casa circular junto de duas rampas de acesso às muralhas.



Fig. 3 — Casa rectangular de cantos arredondados. À esquerda vê-se uma das rampas de acesso à muralha que corre sobranceira à vertente do ribeiro.



Fig. 4 — Restos do ouriçado de pedras fincadas na cumieira de separação dos segundo e terceiro fossos.

para escavações, não tenha podido atribuir-me um subsídio para os trabalhos que ali realizei, baseado no facto de, oficialmente, eu estar em comissão de serviço na Universidade de Luanda.

À Empresa das Águas de Carvalhelhos testemunho, mais uma vez, o meu agradecimento pelos auxílios que gentilmente tem continuado a conceder para os trabalhos de conservação e valorização daquele pequenino castro, mas cheio de interesse arqueológico.

SANTOS JÚNIOR

Uma dança milenária

À distinta etnógrafa espanhola Elena Arizmendi, que ao estudo das danças populares se tem dedicado com paixão e apurada intuição artística, o seu admirador e confrade

O. D. C.

As pinturas rupestres do Caninguíri constituem um notável documento arqueológico angolano. Estudadas por nós e pelo nosso Assistente e colaborador Lic. Carlos M. N. Ervedosa, estão a ser publicadas no 2.º fascículo de «Ciências Biológicas», revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

Caninguíri é o nome duma aldeia indígena que fica a 43 quilómetros a sudeste do concelho do Mungo, que, por sua vez, fica a uns 150 km a norte da cidade de Nova Lisboa, capital de distrito da província portuguesa de Angola no ocidente africano.

Próximo da aldeia do Caninguíri há um cabeço com um amontoado de grandes penedos, um dos quais tem uma grande pala ou abrigo, com uns vinte e dois metros de comprimento por oito a dez metros de largura. O abrigo é conhecido pelo nome de *éuè uà uaiólua*, ou seja «pedra com pinturas».

Na parede fundeira do mesmo, numa extensão de cerca de dezanove a vinte metros e numa largura que varia entre pouco